

O Brasil precisa deixar de ser uma promessa¹

Carlos Cacá Takahashi²

Já não se discute a urgência da transição para uma economia de baixo carbono. Todos sabemos que o mundo ficará sob sério risco se essa roda não girar, e rápido. O que hoje está na mesa é a busca por soluções inovadoras e escaláveis para as questões de sustentabilidade.

Abrigando a imensidão da Amazônia e outros ecossistemas fundamentais para a estabilidade climática do planeta, o Brasil se apresenta há algum tempo como candidato a protagonista dessa agenda. No entanto, só vai assumir de fato esse papel quando conseguir atrair e direcionar um ingrediente fundamental desse processo: dinheiro.

É necessário direcionar o fluxo de capital para esta mudança. Estamos falando de uma agenda que demandará uma quantidade monumental de recursos. Os cálculos variam, mas uma estimativa do G-20 indica a necessidade de US\$ 4,8 trilhões até 2030, que certamente não virá de apenas um bolso. Os financiamentos precisam combinar recursos públicos com montantes de bancos de desenvolvimento e de investidores privados. Nessa última fatia, é enorme a contribuição que pode vir do mercado de capitais. O Brasil, especificamente, tem muito a ganhar com essa dinâmica, e é por isso que os agentes do nosso mercado devem intensificar sua participação nos direcionamentos de recursos para a transição.

Temos avenidas de oportunidades em energias renováveis, projetos para manutenção da floresta em pé, desenvolvimento e exploração de soluções baseadas na natureza e evolução do agronegócio para um modelo mais sustentável, só para citar algumas delas. Tudo isso, ainda considerando o desenvolvimento socioeconômico do país. O fato é que, a despeito dessa diversidade e do potencial, o Brasil ainda não atrai investimentos à altura das possibilidades por questões diversas, como o risco cambial e a baixa oferta de fundos com características sustentáveis.

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em: (GESEL-IE-UFRJ – 13.08.2024)
<https://valor.globo.com/financas/coluna/o-brasil-precisa-deixar-de-ser-uma-promessa.ghtml>
Acessado em 13.08.2024

² Diretor da Anbima e coordenador da Rede Anbima de Sustentabilidade

Uma transformação desse cenário passa, necessariamente, por um urgente letramento do mercado em relação à sustentabilidade e ao recorte ESG. Entendendo do tema, afinal, os agentes poderão enxergar com mais clareza todas as oportunidades que a transição para uma economia de baixo carbono gera em termos de novos produtos e chances de retorno de investimentos.

Nesse aspecto, há muitas boas notícias, como a criação da Rede Anbima de Sustentabilidade, que tem o propósito de conectar os agentes e fomentar o desenvolvimento de produtos, padrões e parâmetros que atendam às demandas de financiamento da transição sustentável. Mais recentemente, foi notável a participação de instituições financeiras, reguladores e autorreguladores na Semana de Sustentabilidade, promovida pelo BID Invest (Banco Interamericano de Desenvolvimento) - não por acaso em Manaus.

Há esforços regulatórios por parte da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) - como a resolução 193, que trata de divulgação de informações financeiras relacionadas à sustentabilidade - e autorregulatórios, sob a alçada da Anbima, como o guia para a oferta de títulos ESG e a criação da classificação de fundos sustentáveis.

Apesar desse conjunto de iniciativas, o Brasil continua como promessa. O ponto é como virar esse jogo, transformando o país em uma vitrine de soluções? É preciso, em primeiro lugar, que o mercado de capitais local avance na oferta de estruturas de finanças verdes. Nesse ponto, é de grande relevância o mecanismo de “blended finance” - tema que foi um dos pontos altos do evento do BID -, em que diversos arranjos de financiamento combinam recursos públicos, de bancos de fomento, filantrópicos e de investidores privados conectados pelo mercado de capitais. Essa combinação equilibra a dinâmica de riscos dos projetos, que muitas vezes o capital privado não quer ou não tem condições de assumir sozinho. Além disso, consegue ampliar a capilaridade dos financiamentos.

Os gestores e analistas de ativos precisam mergulhar nos temas de vez. Poucas casas incorporam realmente a variável clima na análise de ativos. É necessário entender os riscos físicos e de transição aos quais os ativos estão sujeitos. Um primeiro passo é quantificar as emissões de carbono financiadas. O mercado de carbono está batendo à porta e, em breve, deve ser aprovado contemplando o modelo “cap and trade”, em que as empresas receberão cotas de emissões. Assim, a análise dos ativos deve considerar esse indicador.

Outro fator de grande importância é a internacionalização do nosso mercado. Ampliando os contatos com os grandes investidores globais, ficará mais viável a disseminação de uma narrativa consistente sobre o que o Brasil tem de melhor, mostrando as oportunidades de ativos capazes de realmente fazer a diferença na transição. O Brasil precisa se vender melhor para os estrangeiros e, nisso, todos os agentes, públicos e privados, têm um papel importantíssimo. É urgente uma agenda colaborativa, mas a hora de começar já passou: o momento é de partir para a ação e consolidar uma saudável conexão Amazônia-Faria Lima.